

O LEITOR ADOLESCENTE EM *QUERIDA*

THE TEEN READER IN *QUERIDA*

Gisela Johann*

RESUMO: Há 42 anos a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ seleciona obras que são merecedoras do Selo Altamente Recomendável. A escritora Lygia Bojunga, de forma recorrente, tem recebido a láurea. Sua mais recente obra premiada foi *Querida*, publicada em 2009 e premiada em 2010. O presente trabalho busca identificar em que medida a obra *Querida* (2009) dialoga com o leitor, considerando-o pertencente à faixa etária cuja obra foi premiada, aos adolescentes.

Palavras-chave: Querida. Leitor. Lygia Bojunga.

ABSTRACT: Since 1974 the National Foundation of infantile and juvenile Book (FNLIJ) choose the works that are worthy of Highly Recommended Seal. The writer Lygia Bojunga, repeatedly, has received the laurel. Her recently premium book was *Querida*, publish in 2009 and award-winning in 2010. This work seeks to identify to what extent the *Querida* (2009) dialogue with the reader, considering this book the belonging to the age group whose work was awarded, the teens.

Keywords: *Querida*. Reader. Lygia Bojunga

1 Introdução

Querida (BOJUNGA, 2009) foi uma das obras premiadas em 2010 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) com o selo de Altamente Recomendável. Este selo pode ampliar a visibilidade da obra, proporcionando-lhe aumento nas vendas, a procura no mercado específico como livrarias e bibliotecas, até a sua finalidade: a leitura feita e concretizada pelos adolescentes.

Desse modo, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) pode ser considerada fomentadora de um grupo seletivo de livros destinados aos adolescentes

* Graduada em Letras Português-Inglês (Unioeste/Marechal Cândido Rondon), Mestre no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Literatura Juvenil Contemporânea, memória, cultura e ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Cascavel.

e às crianças, de maneira geral. Mas, o que há em *Querida* (2009) para que a FNLIJ considerasse esta obra de interesse aos adolescentes e porque seria recomendável sua leitura?

É a particularidade na forma de narrar aliada ao que se espera do leitor que permite a interação entre leitor e texto. Conforme Hunt (2010), a interação entre texto e leitor exige deste toda a sua concentração e que ele acione todas as suas experiências culturais, sociais e psicológicas.

Deste modo, para que haja diálogo entre um texto e seu leitor é necessário que este se perceba dentro do contexto, ou ainda, entenda esse universo ficcional de maneira a completar as lacunas textuais. As lacunas de um texto, bem como a capacidade de compreendê-las são explicadas por Umberto Eco (1994) através do conceito de leitor modelo. Para este autor, o leitor modelo não é o empírico, pois os leitores empíricos podem ler de diversas formas, sem uma lei que os possa regê-los, cada um irá ler a partir de suas próprias experiências. À vista disto, leitor modelo é aquele pensado pelo autor, disposto a acompanhar o texto tal qual um expectador de um filme, em que o diretor espera determinadas reações do seu público: “Eu chamo de leitor modelo uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15).

Isto posto, esperar que o leitor caracterize os personagens é uma das chaves que movimentam a narrativa, pois, segundo Eco (1994) “O texto é uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor” (34).) Dessa maneira, o leitor estaria entrando no jogo, no processo de aquisição daquilo que está sendo lido.

Assim, esta análise busca apresentar os aspectos literários nas formas de narrar em *Querida* (2009) que se engendram para construir uma narrativa que associa temáticas comuns aos adolescentes aos questionamentos do processo de transição entre o pensar adulto e o pensar criança.

2 O universo do adolescente

Para entender o universo do adolescente primeiro é necessário explicar o espaço social que este circula. Para tanto, recorre-se a Bauman (2001) que apresenta

uma metáfora para explicar uma marca da Modernidade: a fluidez, o líquido. Este autor considera que os líquidos têm a característica de fluir, transbordar e, ainda, dissolver-se se contrapondo, deste modo, aos sólidos, que podem facilmente ser contidos. Fica evidente a associação de tais características à Modernidade, dada a sua mobilidade constante, seu discurso autonarrativo, construindo-se no hoje e na urgência do presente a formação fluida da sociedade. Bauman (2001) esclarece que o processo de globalização da economia desvitalizou as tradicionais instituições doadoras (formadoras) de identidade, como a família, a religião e o trabalho. Antes da globalização, estas eram instituições sólidas, facilmente reconhecidas por todos os sujeitos inerentes ao contexto.

Por conseguinte, os sujeitos que tanto primaram por libertar-se das instituições na Modernidade passam a se sentir livres, entretanto, não contavam com a intensa movimentação do líquido. Estar preso a determinantes sociais parecia um castigo imposto no momento do nascimento, porém, os primeiros passos em busca do derretimento do sólido, na busca de quebrar tradições intocáveis, não previram a absoluta liquidez de tudo que é social. Os manifestos comunistas consideravam importante derreter os sólidos que mantinham no poder as tradições, mas, pretendiam substituí-los por sólidos considerados verdadeiros, estabelecendo uma nova ordem social.

Bauman (2001) afirma que tendo o indivíduo conquistado a liberdade, que custou o derretimento das instituições, poucas pessoas preferiram mudar seus planos individuais para juntar-se a planos revolucionários:

Ninguém ficaria surpreso ou intrigado pela evidente escassez de pessoas que se dispõem a ser revolucionários: do tipo de pessoas que articulam o desejo de mudar seus planos individuais como projeto para mudar a ordem da sociedade. (BAUMAN, 2001, p. 12).

Logo, não se derreteu somente as sagradas tradições, que estabeleciam os indivíduos em classes, derreteu-se, também, aquilo que os unia coletivamente para uma melhoria ou luta social, resultando num indivíduo que se apoia em seus pares somente para autoascensão social:

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Conseqüentemente, o que parecia ser o auge da libertação só fez-se substituir-se por novos moldes, onde os líquidos pudessem se realocar. O indivíduo, agora abandonado à própria sorte, livre da pressão prescritiva dessas instâncias, necessitou buscar base para o sentimento de identidade em dois principais suportes, o narcisismo e o hedonismo. Entenda-se aqui o narcisismo explicado pelo individualismo contemporâneo, em que o sujeito é indiferente aos ideais de conduta coletiva. Assim, o libertar-se significava o derretimento das estruturas sólidas da sociedade, que eram opressoras e modeladoras de opinião.

Para mais, Jurandir Freire Costa explica que “basear a identidade no narcisismo significa dizer que o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si.” (COSTA, 2004: 185). Já a respeito do outro suporte de identidade, Costa afirma que o hedonismo é o efeito do narcisismo, isso porque, o sujeito que é indiferente aos outros, também é aos seus próprios projetos duradouros. Deste modo, “O sentido da vida deixou de ser pensado como um processo com finalidades em longo prazo e objetivos extrapessoais.” (COSTA, 2004: 186).

O indivíduo livre destas amarras das instituições assume, então, uma liberdade de obrigatoriedade pela compulsão, o que o guia não é a necessidade de consumo e sim o desejo. Ora, o desejo não é palpável e assim a busca pela felicidade é tão volátil quanto o desejo de se tê-la. O sujeito é responsável pelos seus desejos e seu corpo, o que configura na tarefa de autoconstrução de sua vida sem qualquer apelação, visto que lhe é atribuída a culpa pelo que se torna, sem qualquer garantia do estado ou social (comunidade) contra as desventuras que podem acontecer.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Bauman (2001) recupera o livro *1984*, de George Orwell, em que se assombrava a sociedade Moderna a partir de um modelo sólido em que as pessoas eram vigiadas por uma grande tela, através de um “olho” que tudo observava, nomeado como *O Grande irmão*. Mas, Orwell não poderia prever que a sociedade criaria incontáveis Grandes Irmãos, observando diariamente cada indivíduo, apontando para possíveis erros. Nota-se isto na dinâmica dos espaços virtuais que incitam a tentativa de reproduzir uma vida virtual perfeita. A necessidade de felicidade constante como um demonstrativo de sucesso oprime o indivíduo, tornando-o “escravo” do dever de ser feliz. A impotência de perceber ou reagir frente esta felicidade obrigatória que os outros sujeitos apresentam é o “grande irmão”, vigilante dos tempos modernos.

Assim, vão se construindo redes de (não) comunicação que permitem apenas a exposição sem, todavia, aprofundar nas questões que levaram ou não o indivíduo a expor determinado fato, acontecimento ou imagem. A individualidade proporciona um novo sistema muito popular nos tempos modernos: as comunidades. Bauman (2001) salienta que, não obstante, estas comunidades são formadas de estranhos que se fecham em “locais” ou redes para se protegerem da sociedade. Um condomínio fechado, câmeras de segurança, tudo isto evita e afasta o estranho perigoso, o estranho que não partilha desta câmera ou do condomínio:

Podemos dizer que "comunidade" é uma versão compacta de estar junto, e de um tipo de estar junto que quase nunca ocorre na "vida real": um estar junto de pura semelhança, do tipo "nós que somos todos o mesmo"; um estar junto que por essa razão é não-problemático e não exige esforço ou vigilância, e está na verdade pré-determinado; um estar junto que não é uma tarefa, mas "o dado" e dado muito antes que o esforço de fazê-lo. Nas palavras de Sennett, imagens de solidariedade comunitária são forjadas para que os homens possam evitar lidar com outros homens... Por um ato de vontade, uma mentira se quiserem, o mito da solidariedade comunitária deu a essas pessoas modernas a possibilidade de ser covardes e esconder-se dos outros... A imagem da comunidade é purificada de tudo o que pode implicar um sentimento de diferença, ou conflito, a respeito de o que "nós" somos. Desse modo, o mito da solidariedade comunitária é um ritual de purificação. (BAUMAN, 2001, p. 117).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Bauman (2001) acrescenta que os pontos de encontro, sem necessariamente encontrar-se no sentido de conhecer o outro, são os grandes templos de consumo, ou seja, os shoppings centers. Não há como negar que os que circulam em corredores e lojas buscam satisfação num mesmo objetivo, o consumo, portanto, se reconhecem como estranhos na mesma busca, um contato que termina ao final deste passeio:

Todo o mundo entre as paredes dos shopping centers pode supor com segurança que aqueles com quem trombará ou pelos quais passará nos corredores vieram com o mesmo propósito, foram seduzidos pelas mesmas atrações (reconhecendo-as, portanto, como atrações) e são guiados e movidos pelos mesmos motivos. "Estar dentro" produz uma verdadeira comunidade de crentes, unificados tanto pelos fins quanto pelos meios, tanto pelos valores que estimam quanto pela lógica de conduta que seguem. Assim, uma viagem aos "espaços do consumo" é uma viagem à tão almejada comunidade que, como a própria experiência de ir às compras, está permanentemente "alhures" pelos poucos minutos ou horas que dura nosso "passeio". (BAUMAN, 2001, pp. 118-119)

Os riscos e as contradições ainda são produzidos: a máxima atual é proteger-se. O medo da violência é um claro exemplo de que a sociedade não se libertou dos problemas anteriores, apenas direcionou ao indivíduo o dever e a necessidade de enfrentar cada perigo. Bauman (2001) afirma que a individualização aponta para a privatização das responsabilidades, o que determina que o sujeito seja o único culpado de seus fracassos. Assim, a individualidade é uma fatalidade e não mais uma prática da capacidade de crítica e autoafirmação. O autor completa que:

O que antes era visto e sofrido como uma labuta interminável exigindo mobilização ininterrupta e um oneroso escoamento de todos os recursos "interiores", agora pode ser alcançado com a ajuda de substitutos e engenhocas compráveis por uma módica soma em dinheiro – embora, evidentemente, a atratividade de uma identidade composta de adornos comprados cresça proporcionalmente à quantidade de dinheiro despendida (BAUMAN, 2009: 22-23).

A Modernidade Líquida de Bauman (2001) aponta para a separação entre o poder e a política, principalmente nas suas ressignificações e funções conquistadas pela liquidez dos tempos modernos. Desta forma, a política que outrora fora dotada

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

da capacidade de favorecer as políticas sociais e o bem comum, substitui-se pelos “direitos humanos” por possibilitarem a garantia da individualidade e diferenças. O bem comum tornou-se obsoleto, pois, os indivíduos configuram-se como seres absolutamente compenetrados em seu ego e autocrítica. No outro lado do precipício, o poder, que costumava prevalecer entrelaçado a quem dominava e responsabilizava-se pelas políticas sociais, passa a defender a condição de fuga e invisibilidade, separando-se das questões públicas.

O que se pretende aqui é discutir como está estruturada a sociedade na qual o jovem está inserido. Sabe-se que esta sociedade o desafia, levando-o a constantes riscos, porém, abstendo-se de qualquer compromisso com a resolução de problemas. Vivendo neste ambiente, o indivíduo com menor condição financeira é quem sentirá a ausência da cidadania e perceberá mais arduamente os efeitos da separação entre política e poder. O que Bauman (2001) aponta como um divórcio entre as políticas sociais e o poder, resulta na dificuldade das pessoas em alcançar a autonomia. Isto porque, a relação paradoxal e dependente entre a sociedade e a autonomia individual está em declínio, apontando para a uma frustrante busca da autoafirmação.

A sociedade se mostra descompromissada, contudo ainda determina os espaços que os indivíduos ocupam, numa constante mudança, imprevisível e incontrolável, dada às derretidas facetas das instituições. Na contramão daquilo que na sociedade (não) impera estão os espaços nos quais os adolescentes circulam - escola e família -, dentro destes discute-se, ainda, as relevâncias nas relações entre o poder e a política. Isto porque, desde a compreensão do sujeito jovem/adolescente ser uma convenção social, determinada juridicamente, até os poderes que a família e a escola exercem sobre este indivíduo, tem-se, em contrapartida, para os jovens a garantia de amparo e, por ora, a responsabilidade assumida por seus familiares e educadores.

O universo real do adolescente contemporâneo está inserido em uma sociedade que outrora se pautava nas regras ditadas pela Igreja, Estado, Escola e a Família tradicional. Antes da globalização, estas eram instituições sólidas, facilmente reconhecidas por todos os sujeitos inerentes ao contexto. Por conseguinte, os sujeitos que tanto primaram por libertar-se das instituições na Modernidade passam a se sentir

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

livres, entretanto, não contavam com a intensa movimentação do líquido. Estar preso a determinantes sociais parecia um castigo imposto no momento do nascimento, porém, os primeiros passos em busca do derretimento do sólido, na busca de quebrar tradições intocáveis, não previram a absoluta liquidez de tudo que é social. Os manifestos comunistas consideravam importante derreter os sólidos que mantinham no poder as tradições, mas, pretendiam substituí-los por sólidos considerados verdadeiros, estabelecendo uma nova ordem social.

O indivíduo livre destas amarras das instituições assume, então, uma liberdade de obrigatoriedade pela compulsão, o que o guia não é a necessidade de consumo e sim o desejo. Ora, o desejo não é palpável e assim a busca pela felicidade é tão volátil quanto o desejo de se tê-la. O sujeito é responsável pelos seus desejos e seu corpo, o que configura na tarefa de autoconstrução de sua vida sem qualquer apelação, visto que lhe é atribuída a culpa pelo que se torna, sem qualquer garantia do estado ou social (comunidade) contra as desventuras que podem acontecer.

Maffesoli (2005) defende uma nova era da sociabilidade, considerando as redes virtuais como mais uma maneira de socialização entre os jovens, incorporando-as nas implicações conceituais da juventude. Bauman (2001), ao desvelar a Sociedade Líquida, vê com pessimismo esta urgência no presente, que acarretaria na frustração de nenhum futuro garantido. O que podemos contrapor aqui é que, por ora, o jovem configura-se tanto como um sujeito com novas oportunidades de sociabilização, aproveitando ao máximo tudo que a globalização lhes oferece, como também, está ciente de que seus desejos para o presente podem não lhe ser úteis na projeção e estabilidade do seu próprio futuro. O que se tem, portanto, é uma juventude que vive no paradoxo da necessidade de aproveitar o hoje e ao mesmo tempo viver a frustração de não poder manter este prazer o tempo todo. Nesta nova sociabilidade, o jovem busca tanto os grupos que partilham o mesmo divertimento, o mesmo estilo de vida, como também as expressões artísticas para identificar a si mesmo com a observação o outro.

A partir destas considerações de ordem conceitual, cabe averiguar como e em que medida *Querida* contempla o universo do adolescente.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

3 O destinatário da literatura juvenil e *Querida*

A narrativa começa com o personagem já adulto lendo a notícia de que a artista Ella faleceu, ele então reconhece a mulher e começa recordar de um episódio da infância que marcou profundamente sua vida e o fez conhecer uma pessoa muito especial, seu tio.

Assim, o episódio inicia com o protagonista, um menino de dez anos cujo nome é Pollux. Mas, há também um importante personagem que divide a cena com o menino, o Pacífico, trata-se do tio do garoto, que há muito tempo não tem contato com a família. A narrativa fala, então, da jornada do Pollux para encontrar seu tio e conta como se deu esse encontro que aproximou as duas gerações em torno de um sentimento em comum: o ciúme.

Este ciúme é quem impulsiona Pollux a fugir de casa e procurar o tio, pois, após a morte do pai, a mãe casa-se novamente, o que faz o garoto imaginar que estaria perdendo a sua mãe para outro homem, que não era seu pai. Ele tenta de muitas maneiras fazer com que a mãe não goste do marido, mente e constrói histórias que apresentam o padrasto como um vilão. Mas, todas as suas mentiras não lhe dão triunfo de separar o padrasto Roberto da sua mãe, desta forma, o menino resolve fugir de casa como vingança, para fazer com que a mãe sofra a ausência dele.

Busca então encontrar o seu tio Pacífico e começa a conhecer um pouco mais sobre esse ente da família que se distanciara de todos em nome da devoção por uma mulher, Ella. O tio mora em um retiro, afastado da cidade e vive nesse lugar servindo a mulher que sempre amou. Nesse lugar, Pollux compreende seus sentimentos com ajuda de Ella e Pacífico, resolve voltar pra casa e encarar os desafios que a vida estava lhe proporcionando.

A partir do enredo de *Querida*, essa análise fixar-se-á nos aspectos da narrativa que a tornam especialmente recomendada ao público jovem, e ainda, enfatizar como o leitor pode perceber tais aspectos e o que estes podem interferir na sua formação leitora.

O primeiro aspecto da obra que se pode destacar como elo entre o leitor e o livro é a forma de narrar de Lygia Bojunga (2009), os diálogos e as formações lexicais

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

aproximadas da linguagem oral, tão comum entre os adolescentes, permitem a aproximação desse leitor ao texto: “- Pollux? O Pollux fez que sim. – que Pollux? – O Pollux, ué.” (BOJUNGA, 2009: 14).

Sobre a forma de narrar de Lygia Bojunga é importante destacar que ao passo do diálogo a autora não descreve as características físicas dos personagens, ficando a cargo do leitor essa função. Portanto, *Querida* se afina ao leitor exatamente naquilo que lhe é mais volátil, a sua subjetividade. Assim, é exatamente esta não demarcação de características físicas que concretizam as inúmeras possibilidades de identificação com o leitor. O texto não fala a cor do cabelo do Pollux, muito menos descreve o tom da sua pele. Bojunga (2009) não reifica os estereótipos sociais, pelo contrário, deixa o leitor construir seu personagem, direcionado apenas naquilo que lhe é fundamental, a personalidade embutida no jeito de falar de cada personagem.

Cabe salientar que o leitor da literatura juvenil é típico da sociedade atual, dentro da sua inconstância, buscando informações a passos acelerados. Colomer (2003) explica que a literatura juvenil adéqua-se as características do seu público, definindo o leitor implícito dentro de uma série de características as quais convém apresentar. Primeiro mostra-se um leitor próprio da sociedade atual, assim, os textos que lhe são dirigidos refletem as mudanças sociais e educativas da sociedade pós-industrial e democrática. Isto proporciona aos textos modificações significativas, revelando uma narrativa que se preocupa com os temas que são relevantes atualmente, tanto na descrição do mundo como nos valores por este proposto. Assim, a autora ainda enfatiza:

O destinatário da literatura infantil e juvenil de qualidade pode definir-se como um leitor criança ou adolescente, que aprende socialmente e a quem se dirige textos que pretendem favorecer sua educação social através de uma proposta de valores, de modelos de relação social e de interpretação ordenada do mundo. (COLOMER, 2003: 173).

Partindo destas considerações pode-se dizer que *Querida* mostra-se como uma narrativa que se afina com os temas e as características explicadas por Colomer (2003) sobre o leitor implícito da literatura juvenil. Assim, se este leitor está ambientalizado na sociedade atual convém lembrar que os modelos e estruturas

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

familiares mudaram, e não há mais a regra absoluta da família nuclear, formada pela mãe, pai e os filhos. Desta maneira, no trecho a seguir, nota-se esta evidência da formação familiar, que destoa da tradicional: “(...) Eu conheço meu filho mais do que a mim mesma. Foi só eu me casar com o Roberto que o Pollux mergulhou de cabeça numa crise de ciúme...” (BOJUNGA, 2009, p. 98-99). Em *Querida*, então, a família apresentada ao leitor definiu-se em mãe, filho e padrasto. Deste modo, observa-se na narrativa de Lygia Bojunga (2009) como a figura do padrasto pode manifestar-se dentro da família contemporânea:

(...) O Roberto já não sabe mais o que fazer para ganhar o amor de Pollux (...) O Roberto é um vegetariano convicto porque não aguenta pactuar com a morte de nenhum bicho, nem que seja uma miserável galinha ou um infeliz caranguejo; é uma pessoa totalmente voltada para a construção de um mundo de paz. (BOJUNGA, 2009: 99-100)

Assim, tal citação mostra um aspecto que pode aproximar o leitor daquilo que ele vê e vive, pois, a literatura juvenil contemporânea de qualidade não pretende se destacar pela reificação de estereótipos familiares e sim, apresentar aquilo que a sociedade vive, sem julgamentos de superioridade ou inferioridade, quebrando o paradigma conservador de que um padrasto é sempre uma figura maligna aos enteados.

Outro traço do leitor implícito explicado por Colomer (2003) refere-se ao leitor que vive na inconstância do crescimento físico e psicológico, ou seja, a adolescência: “um leitor cuja idade aumenta que amplia progressivamente suas possibilidades de compreensão do mundo. (...) a quem se dirige textos que deveriam diferenciar segundo as características psicológicas da idade.” (COLOMER, 2003:175).

À vista disso, para que o leitor adolescente possa construir identificação com o texto, este deveria partir dos pontos de interesse desta categoria – a juvenil. De acordo com Leahy-Dios (2005), de maneira generalizada, os principais interesses dos adolescentes têm sido o conhecimento do próprio corpo, as dificuldades nas relações familiares, sociais, afetivas, amorosas e sexuais.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Para Carrano (2005), a juventude atual não se prende mais aos conflitos a respeito de ideologias sociais deslocadas da sua realidade, outras questões parecem ser mais emergenciais à juventude:

A juventude é uma categoria sociológica inventada pelos adultos; entretanto, torna-se cada vez mais difícil defini-la. Quando muito, podemos elaborar provisórios mapas relacionais. Os conflitos que envolvem a juventude não são marcados por adesões ou contraposições a utopias e ideologias sociais distantes. As questões emergentes dos jovens relacionam-se ao nascimento, à morte, à saúde, à sobrevivência imediata, ao prazer e ao divertimento e colocam em primeiro plano as relações com a natureza, a identidade sexual, os recursos comunicativos e a estrutura do seu agir individual. (CARRANO, 2005: 137).

Em *Querida* enfatizam-se as relações afetivas do protagonista Pollux com sua mãe. Pollux exige a presença constata da mãe e quanto mais o padrasto tenta conquistá-lo mais o garoto exige da mãe provas de amor. As histórias que este personagem inventa a cerca do padrasto o envolvem de tal maneira que até ele mesmo acredita serem reais: “Ele tem uma imaginação tão poderosa que ele mesmo acaba acreditando em tudo que inventa” (BOJUNGA, 2009: 99). Tanto Pollux como seu tio Pacífico revelam o sentimento de ciúme, nota-se isto na passagem a seguir em que a mãe do Pollux conversa ao telefone com Pacífico: “(...) E se você já está gostando do meu filho, nem que seja só um pouquinho, ajude ele a compreender que é o ciúme, e não o Roberto o inimigo que ele tem que vencer (...)” (BOJUNGA, 2009: 100).

É em torno de tal sentimento que a narrativa se desenvolve, atrelando ao texto as possibilidades da sociedade atual, e também, apresentando sentimentos universais, que ultrapassam as fronteiras do tempo. Por conseguinte, para comprovar a atemporalidade do assunto, destaca-se o trecho no qual a mãe de Pollux revela o ciúme que o Pacífico sentia:

(...) Eu era bem pequena quando você saiu lá de casa, mas nossos irmãos sempre me falam que você tinha um amor exagerado pela nossa mãe e nunca me perdoou a fatalidade dela ter morrido quando me deu a luz. Então, você deve saber, melhor que ninguém, o que o ciúme faz com a gente (...) (BOJUNGA, 2009: 99).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Os dois personagens, o adulto e o menino conhecem todo o sofrimento do ciúme, Bojunga (2009) apresenta através do diálogo entre ambos como esse sentimento é arrebatador e doentio:

(...) Ela falou que você também tinha um amor doente pela tua mãe (...). Eu nunca tinha pensado que o amor podia ficar doente (...) como é que a gente sabe quando ele adocece? (...) vai perdendo a alegria, vai deixando de se importar com os outros, fica só pensando na doença, acaba até ficando meio cansado de viver, o que , em outras palavras: significa: vontade de morrer.(BOJUNGA, 2009: 155)

Nesse viés, Michèle Petit aponta para a importância da literatura no desenvolvimento social e psicológico do leitor adolescente:

Em especial na adolescência, a leitura pode ocupar um papel formador, capaz de mudar os rumos da vida e reorganizar os pontos de vistas, ao nos mostrar que estamos experimentando afetos, tensões e angústias universais. (PETIT, 2008: 50).

Querida de fato apresenta esta narrativa que possibilita que o leitor experimente o ponto de vista de quem sofre o ciúme, como também, de quem é objeto de tal sentimento. Para Petit (2008), a literatura permite, além da apropriação da língua, um entendimento das experiências vividas, afinal, “(...) quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo.” (PETIT, 2008: 71).

Relacionando esta última citação com *Querida* pode-se destacar que Pollux reconheceu aquilo que sentia através do teatro que Ella encenou:

(...) eu sempre achei que o nome que você escolheu pra mim não combinava comigo, sabe, pai; então pra este Pollux aqui (...) eu escolhi um nome que tem tudo a ver: CIÚME – gritou pra estrela. – Ciúme – repetiu mais baixo, se virando pro Pollux. (...) (BOJUNGA, 2009: 125).

Conhecendo o que sentia, Pollux poderia admitir suas mentiras e aceitar o amor do padrasto, porque ele não queria ser aquela imagem feia que o ciúme revelou durante o teatro.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

(...) Agora a cara dela era de uma velha-velhíssima, coberta de rugas e deformada por cicatrizes, manchas e feridas que o capuz do manto, puxado pra testa, não chegava a disfarçar. A figura entrou em cena curvada sobre uma bengala, arrastando um andar defeituoso para junto do Pollux. (...). (BOJUNGA, 2009: 123-124).

Considera-se assim que a encenação fora peça chave para que o personagem entendesse o quão prejudicial o ciúme era para si mesmo. Mostrando, desta forma, que a literatura ajuda o leitor a reconhecer-se construir a sua própria imagem, a partir daquilo que vivencia na leitura escrita ou na leitura de uma peça teatral.

Além disso, Bojunga (2009) constrói um protagonista leitor, que faz uso de fragmentos do poema de Gonçalves Dias para reconhecer e enfrentar aquilo que está sentindo no momento da fuga:

Não demorou nada pro medo chegar. E se ele fosse assaltado? Quem é que iria socorrer?(...) De coração sacudindo o peito, começou a recitar pensando os versos do Y~Juca~Pirama, que tinha decorado tempos atrás para recitar pro pai. Tu choraste em presença da morte?/Na presença de estranhos choraste?/Não descende o covarde do forte;/Pois, choraste, meu filho não és! (BOJUNGA, 2009: 32-33).

Sustentado pelo poder das palavras do Juca Pirama, Pollux é capaz de estabelecer correlações entre seus sentimentos e aquilo que é vivenciado no poema supracitado. É inegável que o leitor que se espera para esta obra consiga perceber as dificuldades do protagonista e, por outro lado, compreenda a participação da Arte na vida e nas resoluções dos problemas que tanto apavoram tal personagem.

Se de um lado a sociedade contemporânea se mostra líquida e pauta suas ações no consumo, no efêmero, por outro lado, os sentimentos universais ainda perduram, existem e persistem na busca do sentir-se e entender-se. A literatura, então se justifica para além do desespero:

Se hoje a literatura tem importância, isto se deve basicamente ao fato de nela se ver, como ocorre a muitos críticos convencionais, um dos poucos espaços remanescentes nos quais, em um mundo dividido e fragmentado, ainda é possível incorporar um senso de valor universal;

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

e nos quais, em um mundo sordidamente material, ainda se pode vislumbrar um raro lampejo de transcendência. (EAGLETON apud LOTTERMANN, 2010: 13).

Considerações Finais

Uma literatura de qualidade é aquela que o leitor pode sentir-se participante tal qual evidencia Eco (1994) , quando explica que o leitor vai preenchendo aquilo que o texto não diz, mas espera do seu leitor a capacidade de apreender. Os diálogos e as escolhas na forma de narrar deixam, desta maneira as pistas que levariam o leitor em formação a construir sentido para o texto, despertando neste a capacidade de reflexão do mundo que o cerca.

O que o leitor, então, pode encontrar em *Querida* que sustente o selo de altamente recomendável? *Querida* apresenta, assim, uma narrativa em contato com seu público, espera-se desse leitor implícito conseguir compreender-se dentro do universo ficcional trazendo a narrativa para a sua vida, o seu meio social contemporâneo. Bojunga (2009) considera o seu leitor implícito alguém capaz de perceber que os seus personagens são subjetivos e que a essência deles pode ser adaptada a qualquer imagem física, sem obstruir o fluxo da narrativa.

Portanto, *Querida* apresentou uma narrativa que fornece amplas possibilidades de se ajustar aos aspectos do leitor juvenil atual e daquilo que se espera dele. Além disso, considerando que o leitor implícito de tal obra é um leitor em formação, *Querida* fornece subsídios para que este leitor consiga perceber as diferentes leituras que um texto literário pode oferecer.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOJUNGA, Lygia. *Querida*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Identidades juvenis e escola* In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*; tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução: Cid Knipel. Ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernidade e sociedade de Consumo*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº12, PP. 16-26, jun. 1985.

LEAHY-DIOS, Cyana. *A educação literária de jovens leitores: motivos e desmotivos*. In: RETTENMAIER, MIGUEL; RÖSING, Tania M. K; (Orgs.). *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Universitária, 2005. p.36-56.

LOTTERMANN, Clarice. *Escrever para armazenar o tempo: morte e arte na obra de Lygia Bojunga*. Cascavel: Edunioeste, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Recebido em: 01/10/2018.

Aprovado em: 10/11/2019.